

ENCER O DEPÓSITO DE VITAMINAS

No Inverno, tentamos «encher o depósito» de vitaminas para ficarmos em plena forma, apesar das crises de cansaço próprias dessa época. Armamos os nossos filhos para lutar contra os vírus maléficos que andam no ar, pensamos no seu bem-estar físico, e com razão; no entanto, porventura pensamos também em armá-los espiritualmente?

Estamos atentos à data das vacinas e as consultas médicas; estaremos igualmente atentos ao progresso da sua vida espiritual? Enquanto esprememos laranjas e picamos salsa para a refeição dos nossos queridos filhinhos, pensamos também em dar-lhes, além disso, as «vitaminas espirituais» de que o seu coração precisa para crescer no amor de Deus?

Que «vitaminas» são essas, onde encontrá-las?

Mediante os sacramentos, Deus dá-se a nós: Ele vem à nossa carne, para nos alimentar, nos curar, nos perdoar e nos santificar. Porventura pensamos o suficiente na força dos sacramentos, em particular desses «sacramentos do caminho», que são a Eucaristia e a Reconciliação? Porventura sabemos beber da fonte inesgotável que flui em nós a partir do dia do nosso Batismo?

Jesus disse: «*Quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna*» (Jo 4,14).

Os sacramentos são um tesouro inesgotável, onde podemos buscar em cada dia aquilo de que precisamos para viver.

Na oração, Deus «carrega as nossas baterias». Todas as crianças sabem que um aparelho elétrico só pode funcionar se estiver ligado à corrente. O mesmo se passa connosco. Nós só podemos «funcionar» se estivermos ligados a Deus.

Quanto mais sobrecarregados, pressionados, fatigados ou saturados estivermos, mais urgente será para nós a necessidade de parar para rezar. Não uma vez, de tempos a tempos, mas todos os dias. Não num abrir e fechar de olhos, mas dando o tempo necessário para descarregar o nosso fardo nas mãos de Deus. Todos nós temos a experiência de que o cansaço nos encerra num círculo vicioso: como estamos cansados, temos tendência para nos consumirmos de um lado para o outro, enervando-nos e desperdiçando a nossa energia, o que nos deixa esgotados.

O único meio de sair disso, é colocar tudo nas mãos de Deus: *«Senhor, eu sou apenas um instrumento nas tuas mãos. O que conta não são os meus projetos, mas aquilo que Tu queres fazer através de mim. Eu espero tudo de ti. Sem ti, não posso fazer nada».*

A Palavra de Deus é-nos oferecida como um alimento. Ler e meditar a Palavra de Deus não é um luxo, mas uma necessidade. A Sagrada Escritura é como um pão de que a Igreja, como uma mãe, nos dá um pedaço por dia: essa porção de pão quotidiano são as leituras da liturgia, nomeadamente as da missa. Cada um de nós pode lê-las no seu missal.

É certo que não compreendemos tudo, é certo que, por vezes, estamos tão cansados ou distraídos, que temos a

impressão de estar a perder tempo lendo esses textos que nos ultrapassam: mas isso é esquecer que o Espírito Santo nunca está cansado nem distraído; é Ele que faz germinar em nós a Palavra, é Ele que nos permite assimilá-la, a fim de que ela se tome para nós um verdadeiro alimento.

Deus dá-nos aquilo de que nós precisamos para crescer no seu amor. Dá-no-lo de forma incansável e com abundância. Contudo, é necessário que nós estejamos dispostos a recebê-lo. Deus está sempre diante de nós como um mendigo: Ele nunca força a entrada.

Cabe-nos a nós abrir a porta. Como? Pela atenção prestada aos outros, pela partilha e pelo perdão, que abrem os nossos corações, dispondo-os assim a receber o dom de Deus. A fadiga tem muitas vezes tendência para nos fazer dobrar sobre nós próprios: crispados sobre as nossas obrigações ou as nossas dificuldades, e corremos o risco de não estar suficientemente disponíveis para os outros. Quando os nossos ouvidos, os nossos olhos ou o nosso coração se fecham aos nossos irmãos, Deus não pode entrar em nossa casa.

Todos passamos por períodos de cansaço, de sofrimento e de trevas e todos temos necessidade de encher «o depósito de vitaminas», para resistirmos aos «vírus» maléficos que se chamam desânimo, dobrado sobre si próprio ou sobre o desespero. Nós, que temos o cuidado de proteger os nossos filhos da gripe, porventura também pensamos em armá-los contra esses vírus espirituais, que são os mais temíveis, visto que atacam aquilo que em nós temos de mais precioso?

Cf. Christine Ponsard, *A fé em família*, Paulina, pp. 128-130